

A CONSTITUIÇÃO DO SER POLÍTICO: UMA ANÁLISE DO FILME “O ENIGMA DE KASPAR HAUSER”

THE CONSTITUTION OF THE POLITICAL BEING: AN ANALYSIS OF THE MOVIE “THE ENIGMA
OF KASPAR HAUSER”

LA CONSTITUCIÓN DEL SER POLÍTICO: UN ANÁLISIS DE LA PELÍCULA “EL ENIGMA DE
KASPAR HAUSER”

Simone Dalla Barba Walckoff

Doutora em Psicologia da Educação pela PUC/SP. Docente do Curso de Programa de Estudos
Pós-Graduados em Psicologia da Educação da PUC/SP.

Sandra Pereira Lira

Graduada em Psicologia pela Universidade Nove de Julho.

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)
São Paulo – SP – Brasil

Endereço:

Rua Cristiano Viana, 1089, ap. 102.
Cerqueira Cesar – São Paulo – SP
CEP: 05411-002

E-mails:

simonewal@ig.com.br
sandra.ponty@gmail.com

RESUMO

Este estudo fenomenológico buscou refletir sobre a questão da liberdade a partir da análise do filme “O Enigma de Kaspar Hauser”. Tal análise foi inspirada, especialmente, pelo pensamento de Hannah Arendt. Ao longo deste trabalho, desvelaram-se questões como: a (Des)naturalização do desenvolvimento humano, a importância da relação com o outro no processo de desenvolvimento, o processo de aprendizagem e a importância da ausência e a presença dos outros. Por fim, este estudo aponta a condição da pluralidade humana como fundamental no processo de constituição identitário e da liberdade humana.

PALAVRAS-CHAVE: Liberdade. Política. Fenomenologia.

ABSTRACT

This phenomenological study reflects on the question of freedom, based on an analysis of the movie “The enigma of Kaspar Hauser”. This analysis was inspired, especially, by the thought of Hannah Arendt. Throughout the study, issues are unveiled such as; the (de)naturalization of human development, the significance of relationships in the development process, the learning process, and the significance of the absence and presence of others. Lastly, the study shows the condition of human plurality as fundamental in the process of identity formation and human freedom.

KEY-WORDS: Freedom. Politics. Phenomenology.

Este estudio fenomenológico intenta reflexionar sobre la cuestión de la libertad a partir del análisis de la película "El Enigma de Kaspar Hauser". Tal análisis fue inspirado, principalmente, por el pensamiento de Hannah Arendt. A lo largo de este trabajo se debatieron cuestiones tales como la (des)naturalización del desarrollo humano, la importancia de la relación con el otro en el proceso de desarrollo, el proceso de aprendizaje y la importancia de la ausencia y la presencia de los otros. Por último, este estudio destaca la condición de la pluralidad humana como fundamental en el proceso de constitución de la identidad y de la libertad humana.

PALABRAS CLAVE: Libertad. Política. Fenomenología.

INTRODUÇÃO

Sartre (1987, p. 7) afirmou: "O homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo é responsável por tudo o que faz".

Essa citação evoca muitas reflexões acerca da liberdade, que conduziram a construção deste trabalho, em especial a questão da liberdade e da condição humana de coexistência.

As perguntas feitas ao longo do estudo (LIRA, 2009) relatado neste artigo foram: será que temos total responsabilidade pelas escolhas que fazemos em nossa vida, pelos rumos que tomamos? Será que cabe exclusivamente a cada um de nós nossa existência?

Para pensá-las, recorremos a Hannah Arendt, cujas origens possuem certa proximidade às de Sartre, mas que trazem novos elementos para a discussão sobre a liberdade, por exemplo: a escolha, a responsabilidade, a autoria, entre outras.

Nenhuma vida humana, nem mesmo a vida do Eremita em meio à natureza selvagem, é possível sem um mundo que, direta ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos. Ou seja, está sempre presente na vida humana o fato de viver entre homens. (ARENDR, 2001a, p. 31).

No entanto o homem não é o único animal a viver entre iguais. Outras espécies por questões de sobrevivência se organizam em grupos para caçar, reproduzir, proteger-se de predadores naturais, etc.

De acordo com o pensamento de Arendt, o que fundamentalmente caracteriza o homem é sua condição de ser político, e é nesse contexto que a liberdade poderá ser experimentada.

Para explicitar o que é e como se constitui o ser político, a autora reportou-se ao pensamento que fundamentava a organização da sociedade grega e a dividia em duas importantes esferas: a privada e a pública.

O que definia a esfera privada eram questões relacionadas à manutenção da vida, ao sustento dos indivíduos, à organização do lar, entre outras. A família era administrada por um dirigente e os demais membros estavam submissos a essa autoridade. Essas preocupações e esse modo de organização eram considerados pré-políticos. Por isso, esse cenário correspondia à condição social do homem.

Já a esfera pública era a vida na pólis, participavam da vida política somente os cidadãos (excluindo-se deste grupo mulheres, escravos, crianças e estrangeiros) que podiam libertar-se, por alguns momentos, de preocupações com a sobrevivência a fim de voltarem-se para as questões da organização da pólis e para o bem comum.

Os membros da pólis eram considerados iguais em condições, ou seja, não havia relação de submissão ou poder entre eles. "Ser livre significava ao mesmo tempo não estar sujeito às necessidades da vida nem ao comando de outro e também não comandar" (ARENDR, 2001a, p. 41).

Na pólis a condição de igualdade dos homens fazia com que estes buscassem constantemente a singularidade. Era no espaço público que podiam ver e serem vistos, ouvir e serem ouvidos,

expressando assim o que os tornava, cada um, igual e ao mesmo tempo distinto de todos os homens. Dessa maneira, o ser político era constituído em meio à teia de relações que o homem vive por meio da ação e da palavra.

A ação aqui não é apenas um ato, mas um ato que revela para outros a singularidade do agente; é por meio dela que ocorre a apresentação do homem ao mundo humano, pois ao nascer o homem é igual a todos os outros homens e, ao mesmo tempo, único. Essa peculiaridade dá a ele o poder de ser sempre um iniciador, de mostrar ao mundo uma possibilidade nunca antes vista, a partir do discurso e da ação.

A pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem o duplo aspecto de igualdade e diferença. Se não fossem iguais os homens seriam incapazes de compreender-se [...] se não fosse diferentes [...] os homens não precisariam do discurso ou da ação. (ARENDR, 2001a, p. 188).

Assim, a ação é movimento, é início. Ao nascer, o homem é impelido a criar, por sua própria peculiaridade e por ser sempre entre os homens. Assim, o nascimento "não é início de uma coisa, mas de alguém que ele é, ele próprio, o iniciador" (ARENDR, 2001a, p. 190).

É essa singularidade expressa no mundo que possibilita ao homem iniciar novos movimentos, interromper e mudar os rumos da história pessoal e da humanidade. Ou seja, é nela que está contido seu poder libertário.

Entretanto essa liberdade não é uma conquista individual. Ela se faz no espaço público em meio às relações com outros atores que também são livres. E a partir desse movimento é possível mudar o fluxo da história.

Como afirma Bruner (1997, p. 97):

O si-mesmo, então, como qualquer outro aspecto da natureza humana, se posiciona tanto como um guardião da permanência quanto como um barômetro que responde ao clima cultural local. A cultura nos provê igualmente de diretrizes e estratégias para encontrar um nicho de estabilidade e mudança: ela exorta, proíbe, atrai, nega, gratifica os compromissos que o si-mesmo assume. E o si-mesmo, usando suas capacidades para a reflexão e para projetar alternativas, evita, adota, ou reavalia e reformula o que a cultura tem a oferecer.

Foi a partir dessas compreensões que discutimos os desvelamentos encontrados na análise do filme *O enigma de Kaspar Hauser* (1974), do diretor alemão Werner Herzog. A seguir, detalharemos brevemente o caminho percorrido para a análise do filme.

METODOLOGIA

O caminho utilizado para constituição do trabalho aqui relatado acerca da liberdade humana foi o método fenomenológico-hermenêutico. Segundo Hermann, "a hermenêutica carrega consigo a idéia de tornar explícito o implícito, de descobrir a mensagem, de torná-la compreensível" (HERMANN, 2002, p. 21).

Está associada também a Hermes, o mensageiro dos deuses e, como tal, traz consigo sempre a palavra, e com isso a possibilidade de compreensão: "[...] representado com sandálias aladas, que têm uma capacidade de se movimentar entre lugares distantes e trazer à luz tesouros ocultos" (HERMANN, 2002, p. 21).

A hermenêutica é a arte de compreender, de tornar explícito o implícito, e nesse processo a linguagem assume um importante papel, pois, ao considerar a linguagem, a hermenêutica se abre ao discurso e com isso a uma infinidade de interpretações. Compreensão, por sua vez, significa que posso ponderar, pensar, refletir sobre o que o outro me diz, sem que haja uma "verdade" dominante, o que permite o surgimento de diversos modos de reflexão.

Portanto a constituição de todo o trabalho é um processo interpretativo, múltiplos sentidos são desvelados e tantos outros permanecem ocultos para o pesquisador, permitindo o seu eterno desvelamento. Essa noção nos aproxima da própria característica humana de vir-a-ser.

Desta maneira, o intuito do estudo aqui apresentado é propiciar um esclarecimento acerca de como o fenômeno da liberdade se constitui. Por isso não temos como objetivo torná-la uma verdade irrevogável e perpétua.

Portanto, para elaborar o trabalho, foi realizada uma análise do filme *O enigma de Kaspar Hauser* (1974), e para isso foram construídas constelações (SZYMANSKI, 2002, 2004).

Esse modo de organizar a análise traz consigo a metáfora de constelações estelares, ou seja, em um céu repleto de estrelas, estas são agrupadas e redesenhadas, de acordo com quem as observa.

Esse processo constelar consistiu em eleger unidades de significados e reuni-las em agrupamentos de acordo com sua semelhança para, posteriormente, discuti-las, inspiradas no pensamento de Hannah Arendt.

CONSTELAÇÕES (DES)NATURALIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

O filme *O enigma de Kaspar Hauser* (1974) evoca questões importantes relacionadas à natureza e ao desenvolvimento humano. A narrativa relata que o menino Kaspar foi aprisionado durante os primeiros anos de sua vida em um pequeno porão, sem contato com o mundo externo; não falava, não andava e, ao ser agredido, não esboçava nenhuma reação de dor ou esquivada.

Essas primeiras cenas do filme apontam para a necessidade de reflexão sobre o que é próprio do homem. Esse é o ponto central desta constelação e nos possibilita questionar o que é natural da espécie humana e quais são os comportamentos atribuídos a essa suposta natureza.

A RELAÇÃO COM O OUTRO

Kaspar deixa o porão e é abandonado em um vilarejo. Assim que sua presença é percebida provoca estranheza e incômodo aos moradores. Kaspar não conseguia responder às solicitações que lhe faziam, pois não falava, apenas repetia algumas frases desconexas e, por isso, foi submetido a uma inspeção corporal na tentativa de explicar sua origem.

Aos poucos, convivendo com outras pessoas e participando de algumas atividades da rotina de uma família, experimentou outros mantimentos como forma de alimentação, aprendeu a higienizar-se por meio do banho. Aprendeu outras palavras e, pela primeira vez, verbalizou sua compreensão de sentir-se desprezado por todos.

Esses trechos revelam como a relação com o outro possibilita o desenvolvimento das potencialidades humanas mais essenciais como a linguagem.

O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Kaspar foi adotado na condição de pupilo por um homem chamado Sr. Daumer, que se responsabilizou por seu sustento e principalmente por sua educação e seu processo de aprendizagem.

À medida que Kaspar desenvolve a linguagem, torna-se curioso e encantado pelas novidades do mundo, elabora as próprias hipóteses para explicar alguns eventos que observa.

Em determinada cena do filme, quando lhe é mostrada a torre em que foi confinado nos primeiros anos de sua vida, observa o quão alta é a construção e pontua que seus construtores deveriam ser também muito altos para conseguir edificá-la.

Confunde-se ainda com as experiências oníricas e com a realidade, não conseguindo diferenciar uma dimensão da outra, necessitando novamente da intervenção de seu tutor para explicar essas experiências e identificá-las.

Esses trechos apontam para o processo de aprendizagem, o despertar da sua curiosidade diante do mundo. O desenvolvimento da capacidade de reflexão e criatividade.

SOLIDÃO: AUSÊNCIA E PRESENÇA DOS OUTROS

É comum que nos primeiros dois anos de vida um bebê aprenda a andar, explore o ambiente em que vive, descubra as cores, prove outros alimentos, diga as primeiras palavras e, aos poucos, conheça e reconheça as pessoas que participam do seu mundo. Kaspar não aprendera deste modo; o único contato que possuía era com o homem que deixava seu alimento no porão, geralmente à noite, enquanto dormia. E, assim, vivera quase as duas primeiras décadas de sua vida, sem relacionar-se com o outro, vivendo sozinho.

Nesse primeiro momento, vive o isolamento e torna-se vítima dessa privação, tendo suas potencialidades aprisionadas, sem que pudesse desenvolvê-las. Não percebe ou compreende o que é a ausência e o que lhe falta, vive essa restrição como condição. Desconhece a existência de um mundo além dos limites do seu cárcere, sem pensar ou desejar ultrapassá-lo. "No cativeiro eu não pensava em nada e não consigo imaginar que Deus, do nada, criou tudo, como vocês me disseram", disse Kaspar.

Em segundo momento, vivencia a solidão por meio do distanciamento. A partir do olhar do outro, compreende que ainda é visto com estranheza e repulsa por alguns homens que não o reconhecem na sua condição de igualdade. Ao questionar determinados valores e tradições, causa uma espécie de desconforto nos demais, pois deixa evidente a fragilidade de verdades e paradigmas aceitos como irrevogáveis e perenes.

Desta maneira, a solidão se faz presente na trajetória de Kaspar Hauser. Em um primeiro momento, na condição de isolamento e privação e, depois, por meio do distanciamento e da hostilidade.

DISCUSSÃO

Discorrer sobre a primeira constelação, a (des)naturalização do desenvolvimento, implica a necessidade de apresentar as condições que fundamentam a existência humana.

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. "Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência" (ARENDETT, 2001a, p. 17).

Assim, a condição humana refere-se às circunstâncias que são dadas ao homem na Terra, a partir de seu nascimento. São estas condições que solicitarão o desenvolvimento das diversas atividades humanas.

Desse modo, estamos falando de condições não como determinações, mas como origem, ou seja, o lugar de onde partimos. Nessa perspectiva compreendemos a "própria vida" em seu aspecto biológico e o planeta Terra como as primeiras condições às quais estamos submetidos.

Por outro lado, as condições da existência humana – a própria vida, a natalidade, e a mortalidade, a mundanidade, a pluralidade e o planeta Terra – jamais podem explicar o que somos ou responder as perguntas sobre o que somos, pela simples razão, de jamais nos condicionam de modo absoluto. (ARENDETT, 2001a, p. 19).

A natalidade é o ato de nascer propriamente dito, registra o início da vida em seu aspecto biológico. Mas também se refere ao nascimento simbólico de um novo homem e a possibilidade de um mundo novo que não existia antes de cada nascimento.

A mortalidade abrange o aspecto da temporalidade, implica também a ideia de finitude humana e o aspecto da durabilidade de seus feitos e criações, transcendendo a existência individual e constituindo a própria História.

Já a mundanidade diz respeito ao surgimento de um mundo habitável, a constituição de um mundo "artificial" perante a necessidade de viver no mundo natural.

Como já mencionado, a pluralidade, por sua vez, é a característica humana que faz do homem um ser múltiplo e único ao mesmo tempo. Na perspectiva biológica, o homem também pertence a

uma espécie. Deste modo, ele é múltiplo, pois o indivíduo coexiste com outros homens que também compartilham com ele o planeta Terra.

Contudo o aspecto que torna o homem singular é sua capacidade de diferenciar-se dos demais, pois possui essa abertura, e se constitui constantemente durante toda a sua existência. O modo como se relaciona com suas experiências o torna único e a possibilidade de comunicar o que ele próprio é e o que viveu o constitui como singularidade. O discurso possibilita esse processo de distinção e fortalece a condição de pluralidade humana, pois necessita que outros homens, iguais em condições, presenciem e testemunhem este ato de distinção.

Assim, o homem é condicionado, pois nasce sob certas circunstâncias. E a partir delas se constituirá, criando outras condições para sua existência: “[...] o que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente o caráter de condição de existência humana” (ARENDDT, 2001a, p. 17).

Essas considerações apontam a desconstituição da noção de “natureza humana”, pois, ao afirmar que o homem é um ser condicionado, dizemos que essa “condição” precisa ser “tocada”, experimentada pelo homem, em meio a outros homens, para que a partir dela seja possível o florescimento de suas atividades e surjam novas condições. Não é, portanto, um determinismo da nossa espécie que possibilitará a aquisição de quaisquer características ou a execução de quaisquer atividades.

Trata-se de uma condição que inicialmente nos é dada, por exemplo, a natalidade, e isso registra o “início” da existência humana, que será construída à medida que outras condições nos toquem.

Retomando a história de Kaspar Hauser, o seu nascimento não garantiu o desenvolvimento de algumas características tão “comuns” à espécie humana, como a aquisição da linguagem, ou o desenvolvimento de sua marcha. Isto porque o isolamento em que vivera os primeiros anos de sua vida restringiu suas experiências e as condições que possibilitariam desenvolvê-las.

Sobre a segunda constelação: a relação com os outros. Segundo Arendt (2001a, p. 31), “Todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos”. O homem está condicionado à pluralidade, a viver entre outros homens. Como vimos, essa afirmação aponta para a dualidade humana, no sentido de que o homem é igual a outros homens, e isto é o que possibilita a compreensão entre eles. Entretanto também aponta para a singularidade humana, as diferenças que constituem cada ser humano como único.

E é justamente na constituição deste processo identitário que resgatamos algumas noções importantes do pensamento de Hannah Arendt. O homem como animal político e a necessidade do espaço público para o desenvolvimento e para o reconhecimento de sua singularidade.

A pluralidade é a condição que possibilita as atividades¹ da ação e do discurso. Ação é a atividade humana que não necessita suprir uma necessidade ou uma utilidade específica. É uma manifestação que não pretende atingir fins práticos em contraposição a outras atividades, como o labor e o trabalho, que também constituem a vida ativa. Difere-se, ainda, destas atividades, pois sequer pode ser pensada na solidão ou na ausência de outros homens, uma vez que, como vimos, a condição que a torna possível é a pluralidade.

Sendo assim, a ação é o evento que registra o segundo nascimento humano, é o movimento de apresentar-se ao mundo humano, e assim também se desvelar para si mesmo. A ação se caracteriza por sua essência espontânea, imprevisível e irreversível, pois é a manifestação humana que confirma a condição de natalidade e anuncia a aparição de um novo homem, além de confirmar a singularidade do indivíduo.

É nesse aspecto que Arendt afirma que “Ser e aparecer coincidem”, pois, para se constituir como indivíduo, esse homem necessita de um espaço que favoreça o seu surgimento, sua aparência diante de outros homens que testemunharão sua origem e sua existência singular.

A ação também virá sempre acompanhada do discurso. É justamente a possibilidade da comunicação que permite a amplitude da compreensão entre os homens. E é na convivência com iguais que será criado o “espaço público” em que o homem poderá se distinguir como indivíduo, revelar-se mediante a ação e o discurso e constituir-se como ser único.

O resultado da ação humana pode perdurar para sempre e por toda a humanidade; uma vez realizada, é irreversível. Não poderá ser silenciada porque a condição essencial para sua realização

é a presença de outros homens. Isso implica que a capacidade de agir, sua liberdade, é um ato assistido e simultâneo ao exercício de outras liberdades que afetarão uns aos outros.

Como podemos perceber na história do personagem do filme, este só conseguiu narrar sua história, ou seja, contar para ele mesmo quem ele era a partir do momento em que viu e foi visto pelos outros. Na medida em que apareceu no mundo humano. Só assim pode perceber-se homem e distinto ao mesmo tempo. Tão somente mediante sua distinção pode saber quem era. Assim, podemos pensar que é sempre em meio a outros que a peculiaridade se expressa. E esta traz também todo o poder de inaugurar algo no mundo, abrir uma possibilidade antes inexistente, ou seja, a peculiaridade traz a liberdade.

Embora, em relação com outros homens, e diante da novidade do mundo, Kaspar ainda vivesse muitas limitações e restrições, não está próximo o suficiente do mundo que lhe foi apresentado.

Isto nos faz referir à terceira constelação: o processo de aprendizagem. Retomamos o pensamento de Hannah Arendt: "a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres nascem para o mundo" (2000, p. 223).

O processo de aprendizagem nos remete novamente à condição de natalidade. A cada nascimento surge o antagonismo entre o velho e o novo. Ao nascer, a criança é recebida em um mundo que já existia antes dela. Contudo traz consigo a possibilidade de recriar esse mesmo mundo.

Há, portanto, um processo de acolhimento dos recém-chegados, o modo pelo qual o mundo existente, suas heranças históricas, culturais, serão apresentadas ao novato. E será esse aprendizado que preparará os recém-chegados para a responsabilidade com o mundo. Entretanto a educação sempre é sobre o que é passado, o que foi construído por outros homens, que servirá como cenário para o surgimento do novo.

[...] a criança requer cuidado e proteção especiais para que nada de destrutivo lhe aconteça de parte do mundo. Porém, também o mundo necessita de proteção para que não seja derrubado e destruído pelo assédio do novo que irrompe sobre ele a cada nova geração. (ARENDDT, 2000, p. 235).

É papel dessa educação, portanto, ser uma mediadora entre o passado e o futuro, ou seja, é responsabilidade do adulto receber as crianças e ensiná-las o que já fora aprendido e conquistado por gerações anteriores, com seus valores e tradições. Torná-las responsáveis pela continuidade e responsabilidade com os outros e com o mundo; essa preparação não se trata apenas de ensinar a elas técnicas ou meios de sobrevivência, preparando-as para o "útil", mas responsabilizá-las e ensiná-las a coexistência com outros homens, para que possam no futuro preparar as gerações vindouras para o compromisso com essa autoridade.

Contudo é importante esclarecer que a prática dessa autoridade não se faz de modo coercitivo, antes disso é um cuidado, um amparo para que a criança seja recebida e possa desenvolver-se de forma autônoma e responsável para que os valores éticos sejam mantidos e transmitidos. É compromisso também dessa autoridade preservar o espaço para que o novo floresça e que cada geração possa contribuir com suas próprias criações.

A educação, portanto, deve garantir a responsabilidade coletiva pelo mundo de modo a evitar que modelos de soberania ou coerção se estabeleçam e possam cercear a liberdade humana.

Quando pensamos na história de Kaspar Hauser, observamos que, em um primeiro momento, o mundo falhou em seu acolhimento, abandonando-o em sua própria sorte. Entretanto, ao iniciar seu processo de aprendizagem, nasce novamente para o mundo e é acolhido por seu tutor que cuida de forma especial da sua educação. Essa relação favorece as experiências de espanto e questionamento de Kaspar diante de valores e concepções que já haviam sido construídas. Esse aspecto é retratado na cena em que dirige a seguinte pergunta para a governanta da casa: "Para que servem as mulheres?". Esta pergunta revela a ausência das mulheres em papéis representativos na sociedade. Os professores, pensadores, músicos, religiosos que conhecera eram todos homens.

À medida que participava de eventos sociais e relacionava-se, começou a perceber como o mundo e como suas relações eram organizadas. Inicia o seu processo identitário; compreendendo o mundo, compreende-se como indivíduo. Faz uso do discurso para expressar quem ele é.

Nesse processo de aprendizagem, o outro tem papel fundamental. O personagem viveu nesses dois extremos, e isso nos remete à última constelação encontrada, a solidão: ausência e presença

dos outros. Como vimos anteriormente, segundo Arendt, "Nenhuma vida humana, nem mesmo a vida de um eremita em meio à natureza, é possível, sem um mundo que direta, ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos" (2002, p. 21).

Nos primeiros anos de sua vida, Kaspar vivera uma situação de isolamento, privado da companhia de outros seres, o que acarretou alguns prejuízos no desenvolvimento de algumas possibilidades pertencentes aos seres humanos. Estas se desvelam quando tocamos o mundo e por ele somos tocados. São as experiências que convocam o seu surgimento, e o isolamento vivido por Kaspar restringiu suas possibilidades humanas.

Ao passo que participa e se relaciona com os outros, "aparece" em uma esfera pública, torna-se uma realidade. Esse espaço constituído pela presença de outros possibilita a existência do homem diante de outros homens.

"Necessito de algo que figure como um espelho, que reflita o meu ser; só assim posso tomar consciência de meus atos e daquilo que sou" (SARTRE *apud* SASS, 2007, p. 64).

E é a partir desta relação que o homem constrói sua identidade, pois sua condição é ser para o outro. Kaspar surge como um incômodo para o grupo social já constituído; ainda estava aprendendo sobre as coisas do mundo e questionava valores já estabelecidos, trazendo a novidade para o mundo e provocando o desconforto nos homens que o circundavam.

E é nesta relação que os homens se conhecem e se olham. Ao olharmos, também somos olhados, sempre em relação; e até mesmo a solidão se configura pela ausência do outro. Kaspar não foi aceito como igual em condição e sofreu atos de retaliações que culminaram em sua morte.

Como afirma Arendt, retomando os romanos, até a concepção de morrer é deixar de viver entre os homens. A mortalidade também é uma condição humana do ser político. Por sua capacidade de feitos imortais, por poderem deixar atrás de si vestígios imorredouros, os homens, a despeito de sua mortalidade individual, atingem o seu próprio tipo de imortalidade (ARENDR, 2001a, p. 28).

CONSIDERAÇÕES

Diante dessas constatações podemos pensar na liberdade humana como condição de coexistência, ou seja, é a condição de pluralidade que garante a constituição do ser livre. Os homens necessitam da condição de igualdade para que possam, por meio da *ação* e do *discurso*, diferenciar-se uns dos outros e constituir sua singularidade. E é nesse processo de diferenciação que reside a liberdade humana, pois, embora sejamos condicionados, no sentido de sermos tocados por algumas condições, nossos atos são imprevisíveis e incontroláveis:

Como a ação atua sobre seres que também são capazes de agir, a reação, além de ser uma resposta, é sempre uma nova ação com poder próprio de atingir e afetar os outros. Assim, a ação e a reação jamais se restringem, entre os homens, a um círculo fechado, e jamais podemos, com segurança, limitá-la a dois parceiros. (ARENDR, 2001a, p. 2003).

Em suma, a liberdade é a abertura para diferenciação, e sua existência é garantida pelo fato de que nenhum homem seja como o outro. Esse processo de individuação ocorre em meio a outros homens que reconhecerão esta individualidade, afetarão e serão afetados por ela.

Portanto não há falar em autoria da existência, em escolha individual, em responsabilidade individual, em liberdade individual. Essas questões se constituem sempre em meio a uma teia de relações, nunca dentro de um único homem. Podemos falar, sim, em coautoria, em escolhas constituídas com os outros, em responsabilidade compartilhada, em liberdade sempre como política.

REFERÊNCIAS

ARENDR, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2001a.

_____. **Compreensão e política e outros ensaios**. Lisboa, Portugal: Relógio d'água Editores, 2001b.

- _____. **A vida do espírito:** o pensar, o querer, o julgar. 5. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- BRUNER, J. **Atos de significação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- CALIL, S.D.B.W. **A questão da reflexão e da ação nas práticas psicoeducativas na pesquisa interventiva.** 2009. Tese (doutorado) – PUC, São Paulo.
- HERMANN, N. **Hermenêutica e educação.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- LIRA, S.P. **A constituição do ser político:** uma análise do filme O enigma de Kaspar Hauser. São Paulo: Uninove, 2009. TCC.
- MOREIRA, D.A. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- O ENIGMA DE KASPAR HAUSER [DVD]. Alemanha, Produtora Versátil, 1974.
- SARTRE, J.P. **Os pensadores.** Tradução de Rita Correa Guedes. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- SASS, SD. **Mente, cérebro e filosofia 5:** Sartre, Husserl, Merleau-Ponty. As bases do pensamento fenomenológico. São Paulo: Duetto Editorial, 2007.
- SZYMANSKI, H. (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação:** a prática reflexiva. Brasília: Plano, 2002.
- _____. A prática reflexiva em pesquisa com famílias de baixa renda. **II Seminário de Pesquisas e Estudos Qualitativos.** SEPO, Bauru, São Paulo, 2004, p. 34.

NOTAS

- 1 Hannah Arendt chama de atividades as respostas do homem às convocações feitas pelas condições, as que constituem a vida ativa são o labor, o trabalho e a ação. Já o pensamento, a vontade e o juízo pertencem à vida do espírito.

Artigo recebido em 19/05/2012

Aprovado em 05/07/2012